



ORIENTE MÉDIO

De volta à guerra

EUA retomam bombardeios ao Irã e matam quatro pessoas durante festa de casamento. Teerã retalia e ataca bases na Jordânia, no Bahrein e no Kuwait. Presidente americano sugere rebatizar Estreito de Ormuz como “Estreito de Trump”

Visivelmente nervosa, Motahara gravou um vídeo em que denuncia o ataque dos Estados Unidos a uma festa de casamento em Kuhestak, no extremo sul do Irã, ao lado do Estreito de Ormuz. Vestida com um hijab de cor púrpura e com as mãos enfeitadas com henna, ela confirmou o bombardeio à casa do primo do marido. “Sim, eles (americanos) o fizeram. A casa de Mohammad Rasoul, o primo de meu esposo. (...) Eu estou tremendo até agora. Deus tenha misericórdia. Não sabemos quantas pessoas estavam na casa. Não havia nenhum local militar perto”, disse.

O Irã denunciou um “crime de guerra”. Pelo menos quatro pessoas morreram na celebração das bodas: Zarkhatoon Taheri, 50 anos; Kolsum Mallahi Nazhdia, 43; Mohammad Mallahi, 16; e Amirali Karimi, quatro. Outras 14 mortes foram registradas em explosões nas províncias de Homorzgan, Sistan-Baluchestan, Kerman e Khuzestan. A Guarda Revolucionária Iraniana anunciou quatro mortos em suas fileiras e retaliou com o disparo de mísseis e de drones contra bases dos EUA na Jordânia, no Kuwait, no Irã e em Bahrein. O regime islâmico sinalizou com uma “nova estratégia de guerra”.

“Em breve, vocês verão que a nova estratégia do Irã no campo de batalha, na diplomacia e no enfrentamento do bloqueio econômico fará seus alicerces em pedaços”, publicou na rede social X o secretário do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, Mohsen Rezaei. O presidente americano, Donald Trump, escreveu em sua plataforma Truth Social que não está forçando o Irã a ir à mesa de negociações. “Não estou nem aí se eles assinarem um acordo que, para eles, não vale nada. Gosto muito mais da nossa posição atual, com controle

Anthony Wallace/AFP



O repouso do gigante

O porta-aviões americano USS Abraham Lincoln, que gerou controvérsias devido às condições enfrentadas a bordo por sua tripulação durante uma viagem de mais de nove meses, chegou a um porto tailandês. O enorme navio de propulsão nuclear atracou em Laem Chabang, ao sul da capital Bangcoc, depois de 286 dias no mar. Os quase 5 mil tripulantes têm permissão para passar cinco dias no balneário de Pattaya, um destino popular de férias para as tropas americanas desde a Guerra do Vietnã. O USS Abraham Lincoln partiu da Califórnia em novembro de 2025 para uma missão no Mar do Sul da China e foi desviado para o Oriente Médio antes dos ataques conjuntos de EUA e Israel contra o Irã, que desencadearam uma guerra regional há seis meses. Relatos sobre a deterioração das condições de vida e questões de saúde mental a bordo, incluindo tentativas de suicídio, reacenderam as críticas ao conflito bélico do presidente Donald Trump com a República Islâmica.

quase total do Estreito de Ormuz e a economia deles em colapso total. Eles estão apenas protelando o inevitável. Quando o povo iraniano vai se levantar e lutar?”,

questionou. Desde o começo da guerra, em 28 de fevereiro passado, Trump apostava em uma revolução popular que levasse à derrocada do regime dos aiatolás.

Ao receber jornalistas no Salão Oval da Casa Branca, ele anunciou que estava pronto para ordenar novos bombardeios ao Irã. “Ontem (terça-feira) à noite, destruímos

muito mais do que o radar deles. Foi um ataque muito contundente, e estamos preparados para lançar outro a qualquer momento que quisermos”, afirmou. Seis

dias depois de assinar um decreto em que mudou o nome do Lago Ontário para Lago América, o republicano fez nova proposta ontem: “Agora que o temos sob controle dos EUA, deveríamos mudar o nome ‘Estreito de Ormuz’ para ‘Estreito de Trump’? Como os próprios EUA, será mais ‘sedutor’ do que nunca”. Nas últimas semanas, o titular da Casa Branca reivindicou a soberania sobre o Estreito de Ormuz. Chegou a publicar um mapa que mostra o canal marítimo como “novo território americano”.

“É Satanás”

Pouco depois do ataque ao casamento em Kuhestak, circularam pela internet vídeos em que se viam escombros e se escutavam gritos de pessoas. “Vocês, malvados, atacaram as casas das pessoas e transformaram um casamento em um funeral”, afirma um homem em um vídeo divulgado pela agência de notícias Fars. Em outras imagens, um jornalista da televisão estatal mostra um pedaço de metal carbonizado que, segundo ele, seria um fragmento do “míssil americano (...) que transformou uma festa de casamento em uma tragédia”.

O principal negociador iraniano e presidente do Parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf, chamou os Estados Unidos de “Satanás”. “Se uma potência age como Satanás, escolhe alvos como Satanás e mata como Satanás, é Satanás”, afirmou Ghalibaf em uma publicação na rede social X, retomando o termo usado contra Washington desde a Revolução Islâmica de 1979. O porta-voz do Comando Central dos Estados Unidos (Centcom), Tim Hawkins, afirmou que “as Forças Armadas americanas nunca atacam civis, ao contrário da Guarda Revolucionária” iraniana.

X/Reprodução



O premiê Benjamin Netanyahu: “Nós controlamos o território aqui”

Netanyahu vai a Gaza e descarta retirada

Com colete à prova de balas e capacete, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, visitou a Faixa de Gaza, a sete semanas das eleições legislativas de 27 de outubro e a pouco mais de um mês do terceiro aniversário do massacre cometido pelo Hamas no sul do país. O chefe de governo descartou uma retirada militar do enclave palestino. “Nós controlamos o território aqui. Não estamos nos retirando. Estamos permanecendo sobre esta linha. Controlamos 60% da Faixa (de Gaza). E há mais

1.334
Número de palestinos de Gaza que morreram desde o início do cessar-fogo, em 10 de outubro de 2025

por vir, pois estamos eliminando os terroristas que nos ameaçam — fazemos isso dia após dia”, declarou Netanyahu em mensagem

divulgada por vídeo a partir de uma posição militar perto da Linha Amarela, em Gaza.

“Estamos fazendo todo o necessário para alcançar nosso objetivo — desarmar o Hamas e desmilitarizar Gaza, e (garantir que) Gaza não representará mais uma ameaça a Israel”, acrescentou o premiê israelense. “Em grande medida, esse objetivo foi alcançado. Ainda há trabalho a ser concluído — e nós o concluiremos.” Por sua vez, Israel Katz, ministro da Defesa de Netanyahu, declarou que

o governo tem planos para realocar palestinos de Gaza, mas que espera uma decisão dos Estados Unidos sobre para onde levá-los. “Em última análise, não existe uma verdadeira solução para Gaza sem esta migração”, disse Katz durante uma conferência organizada pelo site de notícias israelense Ynet e pelo jornal *Yedioth Ahronoth*. O governo israelense “está organizado e preparado para retirá-los de lá, por mar, por ar, por qualquer meio possível”, afirmou.

VENEZUELA

Firmado acordo de petróleo com Trump

Na presença do secretário de Energia dos Estados Unidos, Chris Wright, a presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, assinou ontem um acordo que dá a empresas norte-americanas prioridade na exploração de 17 campos de petróleo com reservas estimadas em 65 bilhões de barris — um quinto das reservas comprovadas do país, as maiores do mundo. O documento legítima o controle estabelecido na prática por Washington sobre as exportações de óleo venezuelano desde o início de janeiro, quando um comando militar de elite invadiu Caracas e capturou o presidente Nicolás Maduro, de quem Delcy era vice.

“Acredito que os acordos assinados hoje, com bilhões de dólares em investimentos e muitos empregos criados, são essenciais para começar a trazer paz, oportunidades

e prosperidade para todos”, declarou o enviado de Washington. “Com nossos parceiros, esperamos investir mais de US\$ 7 bilhões e dobrar a produção” para mais de 500 mil barris por dia, nos próximos cinco anos, disse o CEO da Chevron, Mike Wirth, na cerimônia realizada no Palácio de Miraflores. O acordo assinado inclui também a petroleira italiana Eni.

A presidente interina agradeceu ao colega Donald Trump por “todo o esforço conjunto que seu governo empreendeu” para alcançar os acordos, que definiu como um esquema “ganha-ganha”, que “trará bem-estar” para o país. “Quando falo em aumentar a produção (de petróleo), falo do bem-estar do povo venezuelano”, disse Delcy. Nas discussões abertas em torno da soberania do país sobre sua principal riqueza, ela argumenta

que “não nos serve ter essas reservas, se não temos como explorá-las para o bem do país”.

A decisão, segundo observadores da cena política venezuelana, enfrenta resistências de setores do chavismo que questionam as relações estabelecidas pela interina com o governo Trump. Os dois países reabriram as perspectivas embaixadas, em Caracas e Washington, e o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) norte-americana foi recebido oficialmente na capital venezuelana.

O governo da Venezuela também assinou contrato com a empresa GE Vernova Inc. para reparar grande parte da infraestrutura local de eletricidade. “Com os acordos que assinamos, continuaremos avançando para estabilizar e restaurar a rede elétrica para

esse povo e para todos aqueles que queiram fazer negócios aqui”, disse Roger Martella, diretor corporativo da multinacional.

Eleições

Delcy Rodríguez fez declarações coincidentes com as de Donald Trump também sobre a perspectiva de convocar eleições, reivindicação insistente da oposição venezuelana. “Não tenha dúvida disso, haverá um processo eleitoral, mas nas condições em que a Venezuela estiver preparada”, respondeu a um jornalista durante a entrevista coletiva que se seguiu à assinatura dos acordos. O governo chavista iniciou no mês passado um processo de negociação com lideranças opositoras, sob supervisão de Washington, para discutir uma transição política.

Falando à imprensa na Casa Branca, o presidente Donald

Juan Barreto/AFP



A presidente interina com o enviado dos EUA no Palácio de Miraflores

Trump ponderou que a Venezuela não estaria “pronta” para realizar eleições. “Simplesmente, não me parece que eles estejam prontos”, disse, para em seguida referir-se à

captura do presidente chavista, em 3 de janeiro. “É algo muito recente. Nós os tiramos de uma ditadura e estamos nos dando muito bem com o novo governo.”